ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

SETE ORAÇÕES DO TEMPO DA PESTE: Nordeste 1855.

Prof. Msc. Amâncio Cardoso.
(Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe-CEFET/SE)

Nesta comunicação, analiso sete orações católicas publicadas num opúsculo editado em 1855 durante a epidemia de cólera-morbus em Sergipe. Esta epidemia grassou pelos continentes no século 19, entrou no Brasil, mas sobretudo dizimou o Nordeste.

À época, não se sabia exatamente o que provocava e qual o método específico para cura do cólera-morbo. Neste contexto, diante das hesitações e limitações da medicina racional, a explicação e a cura para o fenômeno epidêmico foram encontradas pela maioria da população na esfera transcendental, no plano metafísico, mais especificamente no campo religioso.

Num clima eivado de medo e de morte que circulou pelas províncias do Nordeste um livreto em cuja capa se lia: ***Orações Extraídas dos Melhores Livros de Piedade e Próprias para Implorar a Misericórdia de Deus no Tempo da Peste***.

O livro tem onze páginas e contém uma advertência; uma invocação à Virgem Maria; uma imagem da Santa derramando sua bem-aventurança sobre a terra e, que será foco do nosso interesse, sete orações contra a peste ou moléstias incuráveis. Tais orações foram autorizadas pelo então Arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, Dom Romualdo Antônio de Seixas (1784-1860), Marquês de Santa Cruz.

As sete orações suplicam a clemência Divina para livrar o cristão do flagelo e também da morte súbita provocada pela epidemia. A peste, denotando doenças epidêmicas sem cura, como o cólera à época, era considerada, pelo imaginário coletivo, um dos flagelos com que Deus punia os pecadores que desafiavam sua ira com iniqüidades. As orações, então, serviam de instrumento para suplicar a misericórdia do Pai Celestial e livrar os suplicantes do mal.

Façamos agora uma breve análise das sete orações a que aludi. Dentre as sete orações, duas são pedidos de clemência a Deus e a Jesus para que livrem o crente da morte súbita. Diz uma das orações: *Misericordiosíssimo Senhor JESUS, pela vossa agonia, e suor de Sangue, e pela vossa sacratíssima Morte vos peço me livreis de morte súbita e improvisa*.

Enquanto a outra diz: *Ó Deus de Misericórdia, (...): concedei-nos o auxílio da vossa graça, para que sejamos livres de toda a peste e morte repentina.*"[1]

Durante a epidemia de cólera de 1855, muitas vítimas faleciam subitamente; poucas horas após anunciarem os primeiros sintomas da doença. O medo da morte repentina, súbita ou improvisa era de não dar tempo para que o cristão se preparasse para receber das mãos dos Sacerdotes os devidos sacramentos. Diferentemente de hoje em dia, até o século 19, um trânsito apressado deste para outro mundo, significaria que a criatura não seria recebida pelo Senhor, pois não estava *inteiramente formada* na graça divina.

A "boa morte", desde o medievo cristão, deveria ser uma "crônica anunciada", seria aquela que daria tempo de ser percebida ou pressentida. Normalmente, os parentes eram advertidos. A "boa morte" era esperada no leito como um fenômeno natural. Aliás, a fronteira entre o natural e o sobrenatural era incerta. Além disto, esperava-se a felicidade eterna após a morte, caso fossem cumpridos os rituais sacramentais.

A morte súbita era, ao contrário, ainda na Idade Média cristã, segundo o historiador Philippe Ariès, infamante, desonrosa, feia e amedrontava. Dela, nem se ousava falar. Ela, a morte repentina, marcaria o cristão com uma maldição; seria instrumento absurdo de um acaso, por vezes disfarçado, no caso da peste, em cólera de Deus.[2]

Assim, a morte súbita, provocada pela peste, equivalia a uma condenação eterna na medida em que o doente não tivesse tempo para preparar os sacramentos de sua passagem; de seu trânsito final. Um dos sacramentos era a extrema unção; hoje, unção dos enfermos. Esta "unção" servia para resgatar todos os erros do pecador.

Além disto, a "boa morte" cristã tinha o sentido de dar tempo para que o moribundo tomasse as suas disposições, ou seja: preparar a cerimônia fúnebre; orar; confessar; rememorar sua vida; despedir-se dos parentes e amigos; manifestar seus últimos desejos, vontades e recomendações. A morte era então domada, pressentida; fazia parte do cotidiano. Com ela, os mortais tinham certa cumplicidade.[3]

Outras duas orações são invocações aos poderes da Maria Santíssima para interceder pelos fiéis ao seu filho Jesus. Pede-se à *Estrela Gloriosa* para livrá-los dos *influxos dos astros, que por suas malignas disposições ferem o povo com mortais chagas*.[4] Simbolizada como estrela de primeira grandeza, Nossa Senhora seria capaz de modificar a ordem celestial que insuflaria as catástrofes, como a epidemia de cólera de 1855. Esta crença no poder nefasto dos astros remonta à Antiguidade.

Desde a Antiguidade até o final do século 19, acreditava-se que os surtos epidêmicos ocorriam quando certa conjugação dos astros corrompia a atmosfera e provocava uma praga especial. Assim, forças cósmicas interferiam na ordem da natureza. O mal era originado no universo, passava a interferir no regime natural da terra, provocando catástrofes e epidemias.[5]

Na mesma oração, Maria é denominada *Estrela do Céu* e *Estrela do mar*. A luz, segundo crença antiga, simboliza a purificação, a vitalidade, por conseguinte, a restauração da saúde. Deste modo, desde tempos bíblicos, Deus é identificado como a própria luz. Cristo disse: *Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida*. [Jo 8,12]. Ainda hoje, esta crença permanece, por exemplo, na medicina popular. Uma reza do folclore alagoano diz: *Deus é o sol/ Deus é a luz/ Deus é toda claridade*.[6]

Sendo assim, Maria representada por uma estrela e emanando intensa luminosidade, além de interferir na disposição astral do universo, simboliza também a luz regeneradora da saúde e da vida que livra o cristão da peste. A luz da Estrela Gloriosa, segundo especialistas, também simboliza um elemento de ordem ascensional que leva a Deus.[7]

Ainda na mesma oração, também para debelar a peste, recorre-se aos *sagrados peitos* de Maria, no qual Jesus *recebeu docemente o contraveneno dos nossos delictos*.[8] O leite, na oração, representa a bebida da vida eterna; funciona como símbolo de redenção.[9] O leite de Maria gozou de especial culto na Idade Média. A imaginação popular medieval representava a boa mãe alimentando o filho com o leite da verdade ou da imortalidade.[10]

O cristianismo sincretizou elementos, imagens e crenças oriundas de culturas pagãs. A luz, por exemplo, em oposição às trevas, pertencia ao imaginário cosmogônico de muitos povos pagãos.[11] A crença em certa disposição dos astros a interferir na ordem do universo, provocando a corrupção da atmosfera, era concebida pelos médicos greco-romanos como causa dos surtos epidêmicos.[12] Já segundo a concepção judaica tardia, cada estrela era conduzida por um anjo.[13]

Sobre a simbologia do leite nas civilizações pagãs antigas, ele é associado à idéia de fecundidade e de alimento da alma, bem como da imortalidade. No Egito antigo, representações mostram o rei amamentado por uma deusa, o que se identifica com o rito sagrado pelo qual o governante se torna participante de forças divinas.[14]

Vemos, assim, que o cristianismo está embebido da cultura oriental pagã. Isto se explica, dentre outros motivos, por ter surgido numa zona fronteiriça e de grande afluência: o Oriente Médio.

O livro traz também três "*Jaculatórias*", orações curtas e fervorosas.[15] Elas imploram com veemência ao Pai, ao Filho e à Virgem Maria. Ouçamo-las: *Santo Deus/ Santo Forte/ Santo Imortal/ Livrai-nos da Peste/ E de todo mal. Por vossas chagas/ Por vossa Cruz/ Livrai-nos da Peste/ Divino JESUS. Da cólera Celeste/ Que a culpa desafia/ Nos guarde e defenda/ A Virgem Maria*.[16]

A recorrência à Tríade Santa (Deus, Jesus e Maria), de forma contundente, explicita a força dos pedidos enviados com fervor às três principais figuras do catolicismo. As Jaculatórias, como se lê na advertência que abre o livreto, exigem do crente o máximo de "*sincera contrição, fé, devoção e confiança*". Elas sintetizam o rogo quase desesperado do cristão, amedrontado pela iminência da peste.

A sexta oração é também uma súplica à clemência Divina para afastar a pestilência. Diz a oração: ... *assim como por nossos pecados somos justamente castigados, pela glória de vosso nome sejamos misericordiosamente libertados*.[17]

O castigo através do envio de uma epidemia seria considerado justo, pois os pecados do mundo mereceriam do Criador uma reparação. A misericórdia seria alcançada se o pecador rendesse louvor ao Verbo divino. Este, por sua piedade infinita, livraria o cristão da peste ou da morte súbita, mesmo reconhecendo sua culpa. A ambivalência divina é destacada por sua capacidade de castigar e perdoar; de culpar e ser piedoso. Assim, se da indignação de Deus nos vêm os flagelos, também, por sua misericórdia, cessam os castigos. O pai que pune, perdoa; o que condena; também salva.

A sétima e última oração é a conhecida *Memorare* de São Bernardo de Claraval (1090-1154).

Nesta oração de São Bernardo, encontramos uma das passagens mais pungentes do material que ora analiso. O pecador, crendo na mediação da Santa Maria, declara: *Animado com esta confiança (...) eu corro, eu venho a vós, e gemendo debaixo do peso dos meus pecados, eu me prostro a vossos pés. (...). Amém.*[18]

O cristão entrega-se com diligência como um servo, como um instrumento às mãos santíssimas. Humilha-se para alcançar, com regozijo, a graça da mãe de Deus. Sua subserviência é condição indispensável para o seu propósito; pois Maria seria o itinerário mais rápido e seguro para chegar a Cristo. A prostração e o gemido do padecente, sob o peso de seus pecados, significa reconhecer que ele é moral e fisicamente fraco. Inclusive, etimologicamente, enfermo significa não firme, sem firmeza, sobretudo moral; e incapaz de resistir ao mal.[19]

Evidenciam-se, nas orações aqui analisadas, dois motivos dramáticos: livrar-se da peste e da morte súbita.

Somente o apelo aos poderes divinos, através das orações, poderia sanar o flagelo da peste e a morte repentina, na medida em que estes dramas tinham origem transcendental, ou seja, decorriam da vontade de Deus.

Portanto, para os enfermos a razão da cura e da salvação estaria no além; na Divina Providência. As medidas seculares seriam apenas paliativas. Devia-se cumprir os desígnios de Deus e pedir sua clemência. A origem divina das doenças permeia, tradicionalmente, o imaginário coletivo.[20] Logo, só a intervenção celestial poderia extinguir a punição dos pecados em forma de peste.[21]

Sendo assim, a causa das epidemias seria, antes de tudo, moral.[22] Desta forma, o arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, Dom Romualdo de Seixas (1784-1860), via a "*mão de Deus*" no surto epidêmico de 1855 punindo os pecados dos homens. Por ser produto da "ira divina", segundo o arcebispo, o cólera-morbo de 1855 escapava à ciência.[23]

Outro aspecto a ser destacado é que o recurso ao sagrado para sanar doenças ainda sem cura, como o câncer e a Aids, ainda é comum em nossos dias. O apelo à ordem supra-humana também é utilizado para intervir em questões de natureza política ou cultural. São exemplos recentes, as orações e missas consagradas a pedir a paz no mundo após os atentados do último dia 11 de setembro de 2001. Ou a declaração de um aposentado argentino, afirmando que o seu país só voltaria à normalidade através da intervenção da Justiça divina.

Isto nos faz pensar que a antiga crença de que a História tem seus "cordéis" manipulados por Deus, a conduzir o destino da humanidade com bênçãos e castigos, está fortemente presente em setores supostamente secularizados, como a economia e a política.

Portanto, ao contrário do que declarou o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), no mundo atual Deus continua vivíssimo.

Notas:

[1] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros de piedade e proprias para implorar a Misericordia de Deos no Tempo da Peste*... . Reimpresso na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 05 e 08.
[2] ARIÈS, Philippe. "A morte domada". *O homem diante da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. v. 1, p. 06-20.
[3] ARIÈS, Philippe. "A morte domada". *O homem diante da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. v. 1, p. 15-20.
[4] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros* ... . Reimp. na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 07 e 08.
[5] ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994. p. 64.
[6] AMORIM, José Pimentel do. *Medicina popular em Alagoas – rezas e benzeduras nas doenças e ensalmos outros*. São Paulo: SEC/Prefeitura Municipal, 1959. p. 46.
[7] MASCIARELLI, Michele Giulio. Verbete: **Leigos**. In: DE FIORES, Stefano; MEO Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 702.
[8] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros* ... . Reimp. na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 08.
[9] LURKER, Manfred. Verbete: **Leite**. *Dicionários de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 133.
[10] HEINZ-MOHR, Gerd. Verbete: **Leite**. *Dicionários dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 219.
[11] BECKER, Udo. Verbete: **Luz**. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 174.
[12] ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1994. p. 64.
[13] BECKER, Udo. Verbete: **Estrelas**. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 105-109.
[14] LURKER, Manfred. Verbete: **Leite**. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 133.
[15] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Verbete: **Jaculatória**. *Novo Dicionário da Língua* Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 979.
[16] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros* ... . Reimp. na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 08 e 09.
[17] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros* ... . Reimp. na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 10.
[18] *ORAÇÕES extrahidas dos melhores livros* ... . Reimp. na Typ. da Villa de S. Amaro. 1855. p. 11.
[19] ANGELINI, Fiorenzo. Verbete: **Enfermos**. In: DE FIORES, Stefano; MEO Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 440.
[20] DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 113 e passim.
[21] Na Europa do século 19, houve manifestações religiosas para debelar o cólera como procissões noturnas, penitências, orações e litanias a implorar a clemência divina. Cf. POULAIN, M.; EGGERICK, T. "L'épidemie de choléra en 1866-Le cas de la Belgique". In BARDET, J.-P; BOURDELAIS, P. *et al* (dir.). *Peurs et terreurs face à la contagion*. Paris: Fayard, 1988. p. 67-69.
[22] SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
[23] Cf. DAVID, Onildo Reis. "Cólera divina". *O inimigo invisível*. Salvador: Edufba/Sarah Letras, 1996. p.88-93.